



REVISTA DA ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA

Março de 2020 – Nº 58

ISSN 1518-1766

ALB

**DISCURSO DE RECEPÇÃO
A JUAREZ PARAÍSO:
O ARTISTA
E O PERSONAGEM**

PAULO ORMINDO DE AZEVEDO



A obra de
**JUAREZ
PARAISO**

Hoje é um dia excepcional desta casa. Dia de reparação e festa. Reparação porque não obstante a riqueza artística desta terra, de suas igrejas barrocas, com tetos em perspectiva ilusionistas, retábulos de talha dourada e belas imagens dramáticas, como as de Frei Agostinho da Piedade e Francisco Chagas, o Cabra, dos pintores pós-impressionista formados em Paris na transição do século XIX para o XX, e das abstrações dos modernistas do século XX só tivemos nos nossos quadros um pintor, Otávio Torres, na década de 1930, há quase um século. Não sei se por seus méritos como escritor ou como artista plástico. Em outras palavras, um escritor que pintava, ou um pintor que escrevia?

Esta lacuna contrasta com a participação de outras categorias profissionais. Os médicos, da nossa mais antiga faculdade, predominaram na galeria dos patronos e fundadores dessa Academia. Como é natural, hoje, os poetas, ficcionistas e estudiosos de literatura constituem a maioria dos nossos acadêmicos, sem exclusão da representação de outras profissões que enriquecem a nossa cultura se expressando pelas letras.

Reparação também pela destruição criminosa de murais de nosso homenageado, nos cines Bahia, Arte I, Arte II e Tupy, do tapete de mosaico português da Praça da Sé, bem como o abandono de murais e esculturas no Centro Administrativo da Bahia e nos parques de Pituaçu e de Exposições Agropecuárias. E desagravo ainda pela sua prisão arbitrária, em 1968, como Secretário Geral da II Bienal de Artes Plásticas da Bahia, por não querer censurar quadros de desagrado dos militares. Essas agressões estão sendo publicamente condenadas e reparadas hoje nesta Academia pela recepção de um artista e educador excepcional, Juarez Marialva Tito Martins Paraíso, ou simplesmente Juarez Paraíso.

Dia de festa porque entra hoje nesta Academia, não qualquer suplente de uma cadeira vaga, senão o mais criativo e versátil artista plástico da atualidade baiana: pintor, gravador, escultor,

muralista, fotógrafo, artista digital, cenógrafo, figurinista, crítico e promotor de arte e, especialmente, educador de várias gerações de artistas baianos.

Conheci Juarez Paraíso na Escola de Belas Artes da UFBA, em 1955, no solar- atelier do colecionador Jonathas Abbott na rua do Tijolo, onde algumas casas exibiam discretamente a advertência: "família". Eu calouro de arquitetura e ele já Auxiliar de Ensino. Tenho acompanhado desde então suas atividades artísticas e de promotor cultural e, mais amigável, desde quando ele se casou com a minha querida, bela e talentosa prima Márcia Magno, também escultora, pintora e gravadora e os dois formaram o Casal 20 das artes plásticas na Bahia, com um *loft* na ladeira dos Afritos, tendo como fundo a paisagem deslumbrante do mar e do céu da Baía de Todos os Santos povoada de velas.

Quando publiquei no jornal A Tarde, em 25 de março do ano passado, o artigo "A arte urbana de Juarez", Edivaldo Boaventura me telefonou para se congratular comigo e exaltar a obra do artista plástico e educador e dizer do apreço que o confrade, ex-reitor da UFBA e presidente da Academia de Ciências da Bahia, Professor Roberto Santos, tinha por ele. Iniciamos juntos uma campanha para trazer Juarez para o convívio desta casa. Por uma ironia da sorte ele acabaria sendo o seu sucessor. Assim, Juarez Paraíso sucede o nosso grande educador e chanceler Edivaldo Machado Boaventura, na Cadeira 39 desta Academia. Estou convencido que Edivaldo, onde quer que ele esteja e aqui onde sua presença nunca se afastou, está participando feliz e aplaudindo esta festa.

Escolhido pelo presidente desta casa para recepcioná-lo, quase tive um surto de pânico quando li as 51 páginas de seu Currículo Lattes e fortuna crítica e atentei para a responsabilidade de resumi-los nessa oração de meia hora que me cabe. Não seria capaz, e não vou fazê-lo, por frio e incompleto que seria. Preferi tentar descrever o artista, o personagem e suas

circunstâncias, partindo de Minas de Rio de Contas, onde ele desfrutou a infância, fonte de toda inspiração de um artista. Rio de Contas, um oásis temperado e verde em meio ao sertão escaldante, com enorme tradição do artesanato do ouro e da prata e, quando esses faltaram, da cutelaria e utensílios de bronze para arreios de couro.

Não morei, mas conheci a cidade também criança em viagem memorável com meu pai, Thales de Azevedo, ouvindo o sopro ofegante dos foles em suas fráguas e o canto de arapongas de suas forjas, em cada esquina. Era sonho de todo jagunço do sertão, na época, ter na cintura, como um cavaleiro medieval, um de seus belos punhais com cabo de anéis de bronze, chifre e osso e lâmina de aço com brilho de faca e fio de navalha dentro de bainha de couro decorada.

Formação

Aos nove anos, a família Paraíso se mudou para Salvador. Entusiasta dos heróis de gibis e da ficção científica, ele começou a desenhar por conta própria. Aos 17 anos ingressou no curso livre noturno do Instituto Baiano de Artes Plásticas, anexo à Escola de Belas Artes e, no ano seguinte, na própria escola, onde se formou em pintura, gravura e escultura em 1956. Para compreender a obra de Juarez Paraíso temos que situá-la no ambiente em que ele se formou.

O ensino na Escola de Belas Artes da Bahia, na década de 1950, ainda era muito acadêmico e mimetista da natureza, embora o movimento moderno já tivesse despontado na Bahia. Em 1944, Mário Cravo Junior, Carlos Bastos e Genaro de Carvalho realizaram a primeira exposição de pintura modernista. Por outro lado, Anísio Teixeira como Secretário de Educação e Saúde no governo de Otávio Mangabeira assume que o Estado devia promover as artes como cultura e educação patrocinando o I Salão Baiano de Belas Artes, com seções de

acadêmicos e modernistas. Promove também a pintura de dois grandes murais, por Mário Cravo Jr. e Caribé e de menores por outros artistas locais na sua Escola Parque, no Pau Miúdo. Sugere ainda a Otávio Mangabeira a elaboração do projeto de um grande teatro-escola, no Campo Grande, cuja construção chegou a ser iniciada, mas só concluída mais tarde com um batismo de fogo como Teatro Castro Alves, tudo dentro dos novos cânones modernistas.

O grande Edgard Santos fundador da Universidade da Bahia, atual UFBA, promovia um verdadeiro Renascimento na Bahia ao criar, pioneiramente no país, escolas de teatro e dança e os Seminários de Música, comandados por artistas excepcionais como Koellreutter, Sebastian Benda, Ernest Widmer, Walter Smetack, Martim Gonçalves e a dançarina moderna Yanka Rudzka, mestra de Lia Robatto e Dulce Aquino e muitas outras baianas, que abandonaram as torturantes sapatilhas e dançavam livres e soltas descalças. Essas escolas faziam seus espetáculos em praças públicas, porque no baile da vida “todo artista tem de ir aonde o povo está”, como canta Milton Nascimento.

Cursos que dariam origem ao Teatro dos Novos de João Augusto, ao Cinema Novo de Glauber Rocha, ao Madrigal e às Orquestras Sinfônicas da UFBA e da Bahia e por extensão à Tropicália. Antônio Risério, que só conheceu a reverberação desse movimento, resgata parte essa agitação em *Edgard Santos e a reinvenção da Bahia e Avant-garde na Bahia*, mas há muito mais a resgatar.

No início dos anos 50 havia também movimentos culturais independentes, como a Sociedade de Cultura Artística da Bahia, SCAB, de Alexandrina Ramalho, que trouxe à Bahia pianistas como Authur Rubinstein com seu piano de calda e o violinista Yehudi Menuhin, que se apresentavam no Instituto Normal Isaias Alves, onde Adroaldo Ribeiro Costa, diretor da Hora da Criança e tio do nosso confrade e ex-presidente

Aramis Ribeiro Costa montava peças infantis, inclusive três operetas. A mais famosa delas, Narizinho, foi encenada no teatro Guarany, atual Cine Glauber Rocha, com a presença de Monteiro Lobato, inspirador do libreto adaptado por Adroaldo e música original.

Os estudantes, menos preocupados que os atuais com o exame do Enem e o futuro emprego, tiveram um papel importante nessa renovação cultural com movimentos como as Jogaescas do Colégio da Bahia, do qual participaram Glauber Rocha e os confrades Fernando da Rocha Peres, Florisvaldo Matos e João Teixeira Gomes. Muitos deles ingressaram na Faculdade de Direito da UFBA, onde realizavam saraus e editavam a Revista Ângulos, com ensaios filosóficos, jurídicos e sociais, na qual se destacavam entre outros nomes como os de João Eurico Matta e Machado Neto. O trote da UFBA era um desfile na Avenida Sete de Setembro de crítica social e política, que parava a cidade e selava o compromisso dos calouros com ideais universitários e humanitários.

Foi nesse efervescente ambiente cultural que Juarez Paraiso se formou. Nomeado por Edgard Santos, o professor Manuel Ignácio Mendonça Filho foi o agente modernizador da velha Escola de Belas Artes (1946-61). De família conservadora, Mendonça Filho se revelou um gestor aberto às novas correntes artísticas e ao diálogo. Naquela época, a Escola de Belas Artes possuía um quadro de excelentes professores acadêmicos, três deles com estágios na França, na transição do século XIX para o XX: Presciliano Silva, Alberto Valença e o próprio Mendonça Filho. Completava o naipe, pintores e desenhistas como Raimundo Aguiar, Jaime Hora e Newton Silva, os escultores Ismael de Barros e Jair Brandão e o gravador August Adolf Buck.

Mendonça Filho atualiza os cursos da escola contratando novos professores, como Mario Cravo Jr., Maria Célin Calmon, o casal Henrique e Jacira Oswald, Mercedes Kruschewsky

e o carioca José Rescala, mestre da restauração pictórica. Para o precário curso de arquitetura convocou Diógenes Rebouças, Walter Gordilho, Américo Simas Filho, José Bina Fonyat, Fernando Machado Leal e antigos colaboradores do Escritório de Planejamento Urbano da Cidade do Salvador, UPUCS, a grande experiência urbanística de Salvador, na década de 1940. Promoveu ainda conferências e um curso semestral, do qual fui aluno, da genial e polêmica Lina Bo Bardi que provocariam trovões que reverberaram para além da Escola de Belas Artes.

Ainda no segundo ano do curso de belas artes, em 1952, Juarez ganhou Medalha de Ouro em escultura e Menção Honrosa em pintura em premiação para estudantes. Nos anos seguintes, recebeu Medalhas de Ouro em desenho, respectivamente no II e III Salão Universitário Baiano de Belas Artes. Em 1954, ainda estudante, ganha prêmio de desenho no II Congresso Nacional de Artes Plásticas.

Juarez bebeu das duas fontes da Escola de Belas Artes. Dos acadêmicos aprendeu os conceitos teóricos do círculo das cores, das perspectivas aérea e geométrica, da anatomia do corpo humano e a teoria das sombras com seus mil tons de preto e branco. Nos ateliês aprendeu a preparação das telas e tintas, as técnicas de croquis, aquarela, óleo e gravura, o uso do *fusain*, do *creyon*, dos pinceis, da espátula e da goiva. Dos mestres modernistas aprendeu a apreciar as atmosferas cambiantes dos impressionistas, a força dos expressionistas, o inconsciente dos surrealistas, a quarta dimensão dos cubistas, a abstração das formas e o mais importante, a liberdade de criar. Juarez reúne assim, como os primeiros modernistas, a exemplo de Picasso, Dalí, Portinari, Tarsila e Brecheret, o domínio do *métier* acadêmico e a liberdade criativa dos modernistas.

O educador

Muito cedo Juarez passou da condição de aluno a professor, primeiro como Auxiliar de Ensino e em seguida como Assistente dos dois mais importantes professores da escola, Alberto Valença, grande retratista, e Mendonça Filho, paisagista de marinhas. Com grande desassossego intelectual realizou inúmeros cursos de especialização e extensão, como história da arte moderna e pós-moderna, desenvolvimento da criatividade, litogravura, serigrafia, *silkscreen* fotográfico, tapeçaria e tecelagem. Na área de educação, seguiu o Curso de Didática Geral e Didática Especial de Desenho, ministrado pelo ficcionista Malba Tahan (Júlio César de Mello e Souza) e o Curso de Aperfeiçoamento de Didática para Professores do Ensino Superior. Afrito por querer se profissionalizar e ensinar rejeita a oferta de Mendonça Filho de uma bolsa para estagiar dois anos na França e um na Itália.

Como assistente de Valença e depois como seu sucessor na cadeira de Modelo Vivo, Juarez tinha a incumbência de recrutar na vizinhança da rua do Tijolo, que conhecia bem, com ar de professor, modelos para pousar. Nós os estudantes de arquitetura éramos impedidos de entrar naquele atelier iluminado apenas por claraboias, mas sempre havia uma fresta para darmos uma olhadinha, por entre as cortinas. Confesso que não foi o meu primeiro alubrimento. Embora com algumas exceções não eram modelos como aqueles da Vênus de Milo, do Nascimento de Vênus de Botticelli, da Maja Desnuda de Goya ou *pin ups* como Brigitte, Marilyn e Barbarela de nossas fantasias, senão velhas pastoras da noite, cansadas de guerra, e prodigas de celulite. Talvez não fosse essa a sua preferência, mas do velho mestre.

Como professor ele foi um revolucionário, especialmente quando se candidatou aos concursos de livre-docência e cátedra, em que propunha mudanças curriculares que mexiam com

os interesses de muita gente e recebeu dura oposição da velha guarda da escola. Foi salvo pela sensibilidade dos membros externos das bancas e o apoio do diretor Mendonça Filho. Juarez foi Professor Titular por concurso e Diretor da Escola de Belas Artes (1992-96) e Professor Adjunto da Faculdade de Arquitetura da UFBA. Muito importante para a difusão de novos talentos artísticos foi o seu trabalho como diretor da Galeria Convivium e Secretário Geral da I e II Bienal Nacional de Artes Plásticas da Bahia (1964-68), bem como de curadoria da Galeria Canizares da escola de Belas Artes e de exposições em instituições como ICBA, MAMB, UFBA, Prefeitura Municipal de Salvador, APUB, SBPC, além de membro do Conselho de Cultura do Estado (1979-83).

O crítico de Arte

Dando continuidade à tradição de grandes críticos de arte baianos, como Carlos Chiacchio, José Valadares, Odorico Tavares, Carlos Eduardo da Rocha e Matilde Matos, Juarez analisou em capítulos de livros às obras de Calazans Neto, Floriano Teixeira, Riolan Coutinho e Chico Liberato, com a segurança de quem conhece os difíceis dilemas da estética e das técnicas artísticas. Escreveu também sobre o Carnaval da Bahia, o Acervo ACBEU de Artes Plásticas e o interessante ensaio "Fausto visita os Orixás", no livro *50 anos do Goethe-Instituto/ICBA na Bahia*.

Juarez publicou críticas de arte também em revistas técnicas, catálogos e jornais de Salvador. Nas décadas de 1960 e 1970 assinou colunas de artes plásticas nos jornais Diário de Notícias e Tribuna da Bahia. Praticamente todos os artistas e movimentos culturais baianos passaram pelo crivo de Juarez: Ângelo Roberto, o grande ilustrador dos poetas baianos, Carlínio França e sua arte computacional, Chico Mazzoni, Hilda Oliveira, João Augusto Bonfim, José Maria,

Juraci Dórea, Justino Marinho, Márcia Magno, aqui presente, Mendonça Filho, Raimundo de Oliveira, Reinaldo Eckenberger, Renato Viana, Rubem Valentim, Washington Falcão e Sonia Rangel, que acaba de fazer o contraponto de seu belo discurso de posse, para citar alfabeticamente os mais conhecidos.

Não passaram despercebidos de suas crônicas movimentos como as Bienais da Bahia I e II, a Jornada Ecológica Move Arte, as Oficinas de Artes Plásticas do Museu de Arte Moderna da Bahia, o Projeto Nordeste de Artes Plásticas da UFPS, a Jornada Internacional de Cinema da Bahia, e o II Salão Nacional de Fotografia. Juarez é membro da Associação Brasileira de Críticos de Arte e recebeu da mesma, juntamente com Marcelo Grassmann e Odetto Guersoni, seu Prêmio Anual em 2006.

O artista plástico

Juarez Paraíso faz parte da segunda geração de artistas modernistas da Bahia, em companhia de Riolan Coutinho, Leonardo Alencar, Calasans Neto, Sante Scaldaferrri, Betty King, Adam Firnekaes, Sonia Castro e Jámison Pedra Prazeres. É considerado pela crítica o mais importante e versátil artista daquela geração. Convivi com muitos esses artistas na Escola de Belas Artes: o humor contagiante e a alegria de viver de Calasans, a irreverência de Sante, os papos de Paulo Gil Soares, que foi brilhar em outros campos no Rio de Janeiro, e a beleza e a graça de suas meninas, em especial da filha do diretor e de uma pupila de Rescala, por quem muitos suspiravam pelos cantos. Devido a essa vivência alguns arquitetos incursionaram pela pintura, como Amélio Amorim, Gilbertet Chaves, Mendes e Mendes, Quico (Enrique Alvarez), e Rubico, numa verdadeira integração das artes.

A primeira exposição individual de Juarez ocorreu na Biblioteca Pública da Bahia, nos Barris em 1960, e ele não

mais parou: duas no Museu de Arte Moderna da Bahia, outras no Museu de Arte da Bahia, na Galeria Manuel Quirino, no ICBA, no IPAC e salão especial na V Bienal do Recife, em São Felix. Participou também de numerosos bienais e exposições coletivas em São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Belo Horizonte, Curitiba, e aqui na Bahia, com pinturas, gravuras e fotografias. Conjuntamente com outros artistas baianos e brasileiros teve suas obras expostas em Paris, Madrid e Viena na Europa, em Cleveland, Los Angeles e Ohio, nos EUA, e Lima, Santiago do Chile e Guiana Inglesa, no nosso continente.

Sua atuação nas artes plásticas foi marcada pela criação de grandes murais e esculturas em espaços públicos, herança dos primeiros anos da UFBA, e pela pesquisa e experimentação com diversas técnicas artísticas, com abordagens abstrata e figurativa. Dentre os trabalhos públicos destacam-se o da Secretaria de Agricultura, no CAB, inexplicavelmente descurodo pelo Estado, o do Hospital Roberto Santos, o do Museu Geológico da UFBA, o do Memorial Irmã Dulce, o do Centro de Recursos Ambientais e o painel do Clube da Aeronáutica, em Brasília. Dos semipúblicos assinalo os dos cines Bahia, Arte I e Arte II e Tupy, destruídos, o do Ed. Maria Alice, na Rua Marquês de Caravelas, os de madeira entalhada dos edifícios Logum Edê e Ogun Ladin, em Ondina, e mais de uma dúzia em residências e bares. Condena-se, com justa razão, a destruição criminosa de seus murais nos cinemas, mas quantos em residências e bares, como O carango, Dunas bar, O barão terão sido destruídos?

Alguns tontos se iravam pela exibição em público de trabalhos considerados obscenos, porque suas caprichosas curvas se pareciam com cortes anatómicos de ovários, intestinos e bôfes. Ainda que fosse verdade não seria nada de mais, pois Leonardo Da Vinci, que festeja este ano seus 500 anos, transformou em obras de arte muitos desses órgãos seccionados e ele era

admirador de seu colega na Escola de Belas Artes, o anatomista Aldelmiro Brochado, que fazia modelos em acrílico desses órgãos para o ensino.

Juarez fez também grandes calçadões em mosaico português, como os do Hospital Aliança, do passeio que se continua no *play ground* do Ed. Monsenhor Marques, no Largo da Vitória, do antigo Banco Econômico, na rua Marques de Leão e da Praça da Sé, destruído, além de esculturas gigantes expostas nas entradas dos parques de Esculturas do Museu de Arte Moderna, de Exposições Agropecuárias e de Pituaçu e a bela sereia dourada que, vaidosa, se mira no espelho d'água do Condomínio Interlagos, cuja autoria foi usurpada por colega.

No desenho e na gravura, outras de suas devoções, sua obra se caracteriza pela valorização da linha em desenhos de geometria curva, de fusos de roca que giram alucinados e arremessam fios pelas tangentes para tecerem teias em vários planos, que não se embaraçam. Abstrações? não! São arabescos na tradição ibérica-islâmica, porém mais cinéticos e variados.

Se Juarez teve agressores, detratores e plagiadores, teve também grandes mecenas, coisa rara, como o exibidor cinematográfico Francisco Pithon, que o convidou para fazer murais em seus cinemas, criminosamente destruídos por fanáticos religiosos. O mais importante deles foi o do Cine Tupy, na Baixa dos Sapateiros. Ali ele transformou o foyer do cinema em uma caverna encantada, com estalactites e estalagmites que se tocavam, onde se podia sentar para esperar a entrada no salão escuro com sua lanterna mágica. Juarez sempre foi muito ligado à fotografia e ao cinema. Fez o curso de iniciação cinematográfica da UFBA, com Walter da Silveira e Guido Araújo e os painéis coletivos do Cine Glauber Rocha e da XI Jornada Brasileira de Curta Metragem.

Outro mecenas foi o empresário Paulo Sérgio Freire de Carvalho Gonçalves Tourinho, que o contratou para fazer não só murais e calçadas em suas casas, como para ladrilhar com

mosaico português o edifício Monsenhor Marques, na Vitória, e o Hospital e Centro Médico Aliança. Ali Juarez criou um jardim com alcatifas orientais e belas grades representando cegonhas, pássaros, borboletas e libélulas que se adentram no hospital para alívio de parturientes, enfermos, acompanhantes e parentes. Nesse e em outros parques ele demonstra sua capacidade de atuar tanto como ourives que executa filigranas em desenhos e gravuras, quanto mestre de calceteiros e serralheiros que humanizam a paisagem.

Em resumo, Juarez nesses 60 anos de trabalho demonstra um enorme compromisso social na promoção da cultura na Bahia. Seja como artista plástico ao realizar inúmeros murais, calçadões e esculturas para espaços públicos com forte conteúdo social, na mesma linha dos muralistas mexicanos Rivera, Siqueiros e Orozco, e *décor* de carnavais, seja como professor, diretor de escola e membro do Conselho de Cultura e da Academia de Ciências da Bahia. Por seu trabalho como artista plástico e educador Juarez recebeu inúmeras homenagens e prêmios, dentre os quais destaque o de Professor Emérito da UFBA, a Medalha 2 de Julho da Prefeitura Municipal de Salvador, e o prêmio da Associação Brasileira de Críticos de Arte, em 2006. Sua fortuna crítica é vasta com numerosos artigos de especialistas e três livros sobre sua obra.

Juarez não é um escritor que pinta, como foram Otávio Torres e Thales de Azevedo, é um artista plástico integral, que escreve para interpretar para o público e orientar e estimular outros artistas. Permitam-me exibir aqui uma de suas obras mais notáveis. Este não é apenas o autorretrato do intelectual que conhecemos e apreciamos, é um *insight* do artista dos Afritos, com as serpentes de Medusa que sempre o atormentam e moveram. Não foi sem razão que Jorge Amado indicou a Nelson Pereira dos Santos o nome de Juarez para encarnar Pedro Arcanjo no filme Tenda dos Milagres. Além de um artista plástico e educador excepcional, Juarez é também um

personagem fascinante, que como no drama de Pirandello precisa de um autor para descrevê-lo e desvendá-lo. E isto é o que não falta nessa morada das letras. Tome assento caro confrade Juarez Paraíso, a casa é sua!

Paulo Ormindo de Azevedo é arquiteto e urbanista pela UFBA, doutor em conservação de monumentos pela Universidade de Roma, La Sapienza, 1970. É professor titular aposentado da UFBA, jornalista e “escritor nas horas vagas”, ocupando, desde 1991, a cadeira n° 2 desta Academia. Coordenou o Inventário de Proteção do Acervo Cultural da Bahia, obra em sete volumes, pelo qual recebeu o Prêmio Rodrigo Mello Franco de Andrade, do IPHAN, em 1999. É autor de livros e artigos na sua especialidade e de projetos de restauração.

